DIDASCÁLIA

Álvaro Laborinho Lúcio

Noite cálida. Luz ténue em toda a cena. Ao Centro Alto (CA), uma casa. Casa térrea, forrada a azulejo com desenho a amarelo baço e azul. Grande portão à esquerda. Porta de entrada ao centro. Duas janelas de cada lado. Segunda porta mais à direita, com janelão em obediência. À Esquerda Alta (EA), separada, uma placa identifica o lugar: Rua Dr. António Garção.

Pela folha de sala, sabe-se que se chega ali, indo do Largo Alexandre Herculano, seguindo-se pela Rua Capitão Paes Falcato, cortando-se, à direita, para a Rua Miguel Bombarda, e logo à esquerda ao encontro, já, da casa.

Ao Centro Baixo (CB), ou proscénio, de costas para o público, sentadas no chão, duas crianças: Hugh e Fanny. Paradas. Em posição de espera.

É certo que as crianças não esperam. As crianças têm pouco para pôr dentro da espera. E enchem as esperas num instante.

Hugh e Fanny sabiam dos «medos de Sousel». Ouviram contar aos serões, em suas casas. Há muito que «os moradores do monte de Álamo, próximo de Cano, ouviam a horas mortas da noite, umas palavras confusas seguidas de um grito rouco». E andavam assustados.

Fanny e Hugh tinham segredos. Isso, sim. As crianças trocam esperas por segredos. E sabem encher os segredos como os grandes enchem as esperas. Sabiam, pois, da Biblioteca de António Garção. Enorme. E sabiam que uma biblioteca é o lugar onde as palavras se encontram. É por isso que há casas que falam. São as casas com biblioteca. Quem não sabe, foge delas, com medo. E é também por isso que, à noite, é raro encontrar quem passe pela rua Dr. António Garção, diante daquela casa que fala.

Estavam agora ali, as crianças, com o seu segredo.

Sabiam que António Garção, médico, tinha o consultório em casa. Na parte direita de quem a olha de frente. Naquela porta acrescentada, com janelão em

obediência. E sabiam do esqueleto humano, inteiro, em pé, ao lado da secretária.

Então, Hugh falou para Fanny:

— Sabes que, de noite, o esqueleto deixa o consultório e vai para a Biblioteca? Vais ver que não é a casa que fala. Se calhar, é o esqueleto a ler, em voz alta.

— Achas que são essas as palavras confusas que se ouvem no Monte do Álamo? – aventou Fanny.

— Ninguém sabe. Mas as palavras do Monte têm de estar na Biblioteca.

— E se fôssemos lá? Não passa aqui ninguém.

Hugh hesitava. Temia que na casa se juntassem, pela noite dentro, os mortos que habitam as Antas e que fossem desses os berros que se ouviam no Monte de Álamo. Afinal, pensava ele, aquilo de chamarem à Torre do Álamo, Torre de Camões, só podia ter que ver com bibliotecas. E começou a estranhar o frio da noite. Mas, quando olhou, já Fanny trepava pela janela com vista para o consultório. E foi atrás dela.

— Eina! Tanto livro!

Sobre a mesa, no meio, muitos estavam abertos.

— Olha! – disse Fanny – Há palavras novas escritas à mão, à roda das palavras dos livros. Devem ser as que andam por aí, por toda a casa. E que saltam para a rua, como nós saltámos para dentro.

Hugh sabia das anotações escritas pelo médico em tudo o que lia.

— Vê aqui – continuou ela – Vê aqui neste livro:

«José Régio, a sua pequena pessoa física, era grande, muito grande, dos maiores do seu tempo, no espírito, na alma, na esfera moral, na força psíquica».

— E neste! Queres ouvir? – disse ele:

«O poeta João de Barros, que tem o culto das coisas belas, encontra no Povo o elemento dinâmico e básico da sua devoção pela vida».

Fanny e Hugh sabiam que os mortos cantam e tocam e dizem poemas. E tinham a certeza de que eram esses que se ouviam no Monte do Álamo. E que eram esses que eles ouviam agora ali, na Grande Biblioteca de António Garção. E

escutaram.

Villaret dizia, do Régio, o Cântico Negro.

Ali vivera com o pai, Frederico Augusto Villaret, médico como Garção, e guitarrista. Oriundos, todos, de Girona, na Catalunha.

— Ouves? – perguntava Fanny – Ouves tocar? É uma guitarra.

— Olha para eles, ali ao canto. Sabes quem é aquele, o mais alto? É médico também. Francisco Maria Roldão.

— O que aplicou às crianças recém-nascidas a vacina contra a varíola?

— Esse mesmo. E olha que salvou muitas de morrer. Também era homem de palavras. Como os outros, aqui, na tertúlia. O Manuel Gomes, o Jerónimo Gomes, grandes figuras canenses.

— O Manuel foi aquele que correu mundo e lutou corajosamente pelos direitos dos nativos, não foi?

— Gente de Cano, Fanny. Gente de Cano.

— E aquela, quem é?

— Essa é outra história. É Dona Aldonça Saltoa.

— Saltoa?

— Por parte do marido, que tinha Saltão de apelido.

— E o que se sabe dela?

— Isso, quem vier depois de nós que pergunte.

— O que cantam eles agora?

— É uma cantiga do povo. Desse povo de que fala João de Barros. Do povo, Fanny:

«Alentejo não tem sombra
Senão a que vem do céu».

Discreto. Disfarçado atrás dos reposteiros, o esqueleto, atento, observava. Tinha muito que contar ao seu médico. E perguntas para lhe fazer:

— Podem as crianças saber assim tanto, de tanta coisa?

E ouviria António Garção responder:

— Amigo! Não eram crianças. Não reparaste nos nomes? Eram apenas Palavras. Gente que habita os livros. E foi Poesia, o que ouviste. Era a nossa Biblioteca a falar.

A luz torna-se progressivamente mais viva. É madrugada. A casa ilumina-se. Uma janela está agora aberta de par-em-par. Chega o povo, que enche a rua.

Se houver

Pano

pode cair.